

# RESENHA

GOTTIDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

*Natália Lampert Batista*  
Doutoranda em Geografia – UFSM  
[natilbatista3@gmail.com](mailto:natilbatista3@gmail.com)

Mark Gottidiener é um sociólogo estadunidense e professor de “Sociologia Urbana” na Universidade de Buffalo. Entre suas obras, o livro “A produção social do espaço urbano” visa contribuir com o entendimento da organização regional do espaço, após a Segunda Guerra Mundial, com destaque aos Estados Unidos, bem como realizar uma retomada crítica sobre as teorias urbanas de norteiam as concepções dessa área do conhecimento ao longo de sua historicidade.

A tese defendida por Gottidiener (2010) é que “os campos da ciência urbana exigem uma reconceituação, pois os padrões de organização espacial mudaram” (GOTTIDIENER, 2010, p. 18), uma vez que “a vida urbana se tornou portátil e, desse modo, ocorreu o mesmo com a ‘cidade’” (GOTTIDIENER, 2010, p. 14). Isto é, a cidade contemporânea difere muito das clássicas cidades, especialmente no que tange as suas formas de organização espacial e a sua morfologia urbana, compreendidas e discutidas por muitas teorias urbanas, posteriormente ressaltadas e criticadas pelo autor.

Neste sentido, em seu texto, Gottidiener (2010) apresenta tal ponto de vista destacando que a cidade compacta de outrora, claramente definida espacialmente, dá lugar a populações metropolitanas distribuídas e organizadas em formas regionais “amorfas na forma, maciças no escopo e hierárquicas em sua escala de organização” (GOTTIDIENER, 2010, p. 14). Isso conduz

a necessidade de repensar os paradigmas urbanos na compreensão desse tema e de desvelar a nova constituição do que é e como se organiza a cidade.

“As palavras ‘urbano’ e ‘rural’, antes empregadas para a classificação de lugares, perderam seu valor analítico” (GOTTIDIENER, 2010, p. 18), por isso o autor busca fazer uma abordagem generalizada sobre a temática urbana, descartando essas comparações campo-cidade anteriormente utilizadas e propondo que o termo que melhor descreve os padrões contemporâneos de urbanização é “desconcentração”, ou seja, uma relação entre o aumento da população e a densidade de atividades sociais neste novo formato de organização espacial.

Tais constatações são debatidas em oito capítulos sobre os paradigmas urbanos que visam desconstruir o olhar sobre a cidade e a organização do espaço urbano para reconstruir uma nova concepção sobre isso. Tem como destaque especial, entre outros, a abordagem sobre a Ecologia Urbana, a Escola de Chicago, a Ecologia Urbana Contemporânea, os Marxistas e as teorias como a de Lefebvre, a de Castells, a de Harvey e a de Marx e Hegel.

No primeiro capítulo “Ecologia, Economia e Geografias Urbanas: análise espacial de transição”, Gottidiener (2010) destaca as espacialidades urbanas e discute os paradigmas norteadores da compreensão desta área de estudo: (1) a Ecologia Urbana enquanto organicismo e baseada na teoria da evolução de Darwin; (2) a Escola de Chicago como uma análise biológica e cultural da cidade; e (3) a Ecologia Urbana Contemporânea pela qual a teoria urbana é retomada. O autor acaba explorando essas abordagens e desenvolvendo argumentos vinculados aos elementos de crítica atribuídos a cada uma delas. Em resumo, propõem como discordância o reducionismo decorrente dessas teorias para a interpretação do espaço urbano e sugere que a análise urbana deve ultrapassar o conservador enfoque funcional da cidade e das interações humanas.

Além disso, apresenta a Geografia e a Economia Urbana evidenciando três limitações, dignas de nota, da referida abordagem. São elas: (1) a centralidade na teoria da localização onde todo o papel de organização do espaço compete ao centro histórico da cidade; (2) o determinismo tecnológico que apresenta que as infraestruturas de transporte e de comunicação são determinantes ao uso e ao valor da terra; e (3) a teoria do equilíbrio que valoriza a diferenciação funcional e a integração, afirmando que “todas as partes do sistema urbano se ajustam a um todo social e funcionam muito bem” (GOTTIDIENER, 2010, p. 54). Essas fragilidades, segundo o

autor, se baseiam em um fetichismo espacial e em falácias geográficas e são expostas pelos geógrafos marxistas, como David Harvey, que são contemplados na sua discussão no segundo capítulo do livro.

Em seu segundo capítulo, “Economia Política Marxista”, o autor assinala as teorias críticas (que se posicionam contra as descritivas teorias que são apresentadas no primeiro capítulo), dada a necessidade de explicar o espaço urbano e não meramente descrevê-lo. Gottidiener (2010) destaca a teoria do controle social e da localização segundo o trabalho e a forma urbana e a teoria da acumulação do capital, resgatando o funcionalismo e criticando o fato dessas teorias se concentrarem mais na discussão econômica que na revolucionária, isto é, na busca da transformação. Traz, também, Harvey e Lefebvre para discutir o papel do capital financeiro frente as suas concepções urbanas.

Gottidiener (2010) compara as concepções convencionais urbanas com as marxistas e destaca que a “principal contribuição do marxismo europeu para a produção do espaço urbano reside na sua insistência em declarar que a análise marxista possui uma disjunção epistemológica das categorias analíticas do pensamento burguês” (p. 113), porém contam com fragilidades como a tendência positivista, o funcionalismo endêmico e a abordagem pautada na análise dos padrões de desenvolvimento econômico na sociedade.

Nos “Paradigmas Flutuantes: o debate sobre a teoria do espaço”, Gottidiener (2010) destaca e detalha as concepções de Lefebvre e de Castells, comparando-as e criticando os pontos que julga frágeis no “novo” contexto de entendimento do urbano, mas também evidenciando os pontos relevantes para essa compreensão, em um movimento dialético entre os autores. Assim, ele demonstra que:

[...] em última análise, o estudo de política urbana focaliza a intervenção do Estado e os usuários do espaço – seus habitantes. Isso deve ser especificado de acordo com uma teoria da relação do Estado e da sociedade como um todo. A obra inicial de Castell envolveu os movimentos dos usuários tanto dentro da dinâmica da teoria do consumo coletivo como se fosse produzidos pelo efeito fenomenal do Estado com a economia capitalista tardia. Assim, para Castell os usuários são equiparados a consumidores de bens e serviços do Estado. Em compensação Lefebvre indicou um domínio historicista da investigação, a ideia da vida cotidiana, que é dependente, em qualquer tempo dado, do desenvolvimento das relações sociais e de seus respectivos conteúdos liberatórios – conteúdos que, no momento são relativamente repressivos. A dinâmica desse conceito de vida cotidiana é controlada pela própria cultura. (GOTTIDIENER, 2010, p. 157).

Já o quinto capítulo, “Além de Economia Política Marxista: a fórmula da trindade e a análise do espaço”, o autor enfoca as teorias marxistas que negligenciam o espaço em favor da temporalidade, bem como destaca a análise do uso da terra como meio de produção em transição para a análise do espaço como força de produção.

No sexto capítulo “Estrutura e Ação na Produção do Espaço”, Gottidiener (2010) aponta que a investigação econômica do espaço deve considerar a natureza social do capitalismo, pois a organização do espaço é, ao mesmo tempo, cultural, social e econômica, destacando que:

[...] as formas de espaço são produzidas, ao contrário, pelo que se convencionou especificar como de articulação entre estruturas capitalistas tardias e as ações do setor de propriedade, especialmente os efeitos de grupos escolhidos e do Estado na canalização de fluxo de desenvolvimento social para lugares e modelos específicos”. (GOTTIDIENER, 2010, p. 226).

Para o autor, é justamente esse foco que é negligenciado como campo de estudo e que permite uma reconceituação dos estudos urbanos. Para ele é preciso destacar a importância do Estado e da sociedade na transformação da organização espacial urbana.

No sétimo capítulo, “A Reestruturação do Espaço de Assentamento”, discute o espaço urbano desconcentrado, evidenciando a transformação da sociedade rural, a expansão metropolitana e as perspectivas da desconcentração, a saber, habitacional e industrial, bem como discute a mudança para o Cinturão do Sol, nos Estados Unidos, para exemplificar a teoria defendida. Segundo Gottidiener (2010, p. 261), “[...] o conflito entre paradigmas rivais em torno do entendimento da produção de espaço se traduz numa oposição entre abordagens alternativas da política pública urbana” que interfere nas concepções sobre como se dá essa organização do espaço.

Por fim, no oitavo capítulo, “Comunidade, Liberação e Vida Cotidiana”, Gottidiener (2010) faz uma avaliação dos pontos discutidos ao longo do livro destacando como as políticas públicas urbanas se utilizam dessa concepção de que os padrões de organização do espaço são reflexo de forças sistêmicas de articulação. O autor evidencia sete aspectos-chaves da sua abordagem: (1) os padrões sociais de organização são tanto verticais como horizontais; (2) aponta que rotular de “capitalista” os motivos produtores do espaço não faz com que necessariamente

o capitalismo se reflita nas formas urbanas; (3) o setor imobiliário é a linha de frente das materializações do capitalismo tardio no espaço; (4) o paradigma convencional explica o estado urbano como se o estado não existisse; (5) a produção do espaço se dá por desdobramentos ideológicos e culturais, econômicos e políticos; (6) o resultado do processo de capitalismo tardio é o desenvolvimento desigual; e (7) recentes transformações na matriz espaço-tempo da organização social alteraram as condições de vida local.

Assim, o autor faz um resgate teórico-conceitual das abordagens urbanas e acrescenta novas ideias na discussão, comprovando que os padrões de organização espacial mudaram e, por isso, os campos da ciência urbana exigem uma reconceituação. Portanto, Gottidiener (2010) realiza uma avaliação crítica das teorias urbanas apontando suas interfaces favoráveis e tecendo-lhes críticas pertinentes, as quais conduzem a necessidade de uma nova forma de compreender a organização do espaço e as teorias urbanas.

**Enviado 11/01/2019**

**Aceito 15/04/2019**